

EDUCAÇÃO COMO MEIO DE RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE BACURAU

EDUCATION AS RESISTENCE: A DISCURSIVE ANALYSIS OF BACURAU

Carlos Eduardo de Freitas Barbosa 1
Estela Carielli de Castro 2

Resumo: Neste artigo, analisamos se e como a educação se manifesta como meio de resistência no filme Bacurau (2019). Buscando analisar a importância da educação – como meio de resistência –, discutimos o conceito de Educação (FREIRE, 1977, 1980, 1987) em conjunto com a Análise do Discurso materialista, explorando as noções de sujeito, formação discursiva (FD), resistência (PÊCHEUX, 1997[1969], 1998, 2015) e memória discursiva (ORLANDI, 2014). A partir das análises entendemos que o discurso fílmico se circunscreve em uma FD que retoma o cangaço, (re)significando-o como algo constituinte do ser nordestino. Assim, a memória tem papel central na construção discursiva, visto que através dela são retomados os saberes do cangaço explorados na cultura e na educação dos cidadãos de Bacurau. Por fim, a figura do professor Plínio é carregada pelo discurso de retorno às raízes, como proposto por Freire, relacionando ao discurso sobre educação, a ideia de emancipação e de liberdade.

Palavras-chave: Resistência. Educação. Memória. Bacurau.

Abstract: This article sought to analyze if and how education manifest itself as resistance in the movie Bacurau (2019). Seeking to analyze the importance of education - as resistance -, we discuss the concept of Education (FREIRE, 1977, 1980, 1987) along with the Materialistic Discourse Analysis, exploring concepts as subject, discursive formation, resistance (PÊCHEUX, 1997 [1969], 1998, 2015) and discursive memory (ORLANDI, 2014). From the analyses we understand that the filmic discourse is circumscribed in a DF that resumes and (re) signifying the cangaço as something constituent of the Northeastern being. Thus, the memory plays a central role in the discursive construction, since it is through it that the knowledge of the cangaço is explored in the culture/education of Bacurau citizens. Finally, the figure of Professor Plinio is carried by the discourse of returning to the roots, as proposed by Freire, linking the discourse on education, the idea of emancipation and freedom.

Keywords: Resistance. Education. Memory. Bacurau.

Mestrando em Letras – Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. 1
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6466378681069024>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0728-8073>.
E-mail: Carlos_cadueduardo@hotmail.com

Mestranda em Letras – Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. 2
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6511363573339704>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5064-1795>.
E-mail: estelacarielli@gmail.com

Introdução

Bacurau (2019), dos cineastas pernambucanos Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, foi um filme responsável por levar milhares de pessoas ao cinema, não apenas às salas de cinema tradicionais, mas também aos – poucos – cinemas de rua e independentes, como o São Luiz, em Recife-PE. Em um cenário político de desvalorização do cinema nacional, *Bacurau* figurou entre as 10 maiores bilheterias do cinema brasileiro, em 2019 (ALOL, 2019), nos lembrando que “não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 1998, p. 304). Dessa forma, ao resgatar o passado do interior do Nordeste, como o cangaço e a seca, o filme resgatou velhas imagens do entendimento do que é ser nordestino, revisitando-as e (re)construindo novos sentidos.

Dessa maneira, sendo o discurso o objeto teórico da Análise do Discurso (AD), o qual Pêcheux (1998 [1969], p. 82) afirma que “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo geral, de ‘efeitos de sentidos’ entre os pontos A e B”, ou seja, discurso são os efeitos de sentidos entre interlocutores, posto que o propósito da AD é entender os efeitos de sentido em um processo discursivo, e não buscar um sentido único. Deste modo, o autor acrescenta ainda que

[...] a normalidade local que controla a produção de um tipo de discurso dado concerne não somente à natureza dos predicados que são atribuídos a um sujeito, mas também às transformações que esses predicados sofrem no fio do discurso e que o conduzem a seu fim [...] (PÊCHEUX, 1998 [1969], p. 74).

Esse fio discursivo é justamente o que Pêcheux (1998 [1969]) define por condições de produção, ou seja, o processo de produção do discurso, a exterioridade, as circunstâncias, o contexto histórico-ideológico-social. Logo, se debruçar sobre as condições de produção auxilia na compreensão dos efeitos de sentido entre interlocutores.

Além disso, a partir de Pêcheux (1998 [1969]), compreendemos que o discurso se manifesta na materialidade da língua. Lagazzi (2017, p. 36) retoma a discussão do discurso enquanto materialidade, refletindo sobre os aspectos não verbais, ao questionar: qual a materialidade do discurso se falamos de objetos simbólicos materialmente heterogêneos? Como é o caso do filme, por exemplo. Ao responder à pergunta, a autora diz que “a materialidade do discurso é a linguagem em suas diferentes materialidades significantes. Quais sejam: a palavra, a imagem, o gesto, a musicalidade [...], diferentes relações estruturais simbolicamente elaboradas pela intervenção do sujeito”. Dessa maneira, não só a palavra, mas também cores, imagens, gestos etc., materializam discursos. Propondo pensar as materialidades discursivas, podemos entender que Lagazzi (2010) trata não somente o visual ou o verbal, mas todo o meio através do qual perpassam os fios constitutivos do tecido do(s) sentido(s), não sendo possível separar as materialidades que constroem as cenas do filme.

Em paralelo a isso, Freire (1977, 1980, 1987) desenvolveu um método de alfabetização de crianças e adultos que se preocupa não com a decodificação de palavras apenas, mas com o papel do educador e da educação na formação de pessoas. Para o autor, a educação autêntica torna as pessoas capazes de transformarem a realidade a que pertencem. Nos propomos, dessa maneira, a buscar pontos de encontro da teoria freiriana com a AD francesa com o intuito de analisar se (e como) a educação se configura como um mecanismo de resistência no filme *Bacurau*. Desse modo, o *corpus* se constitui de sequências discursivas (SDs) que tragam discursos direta ou indiretamente relacionados ao da Educação. E, para embasar este artigo, além da própria noção de *resistência*, também se torna pertinente discutir sobre as noções de *formação discursiva*, *memória discursiva* e *sujeito* na AD, aliadas à teoria freiriana sobre a Educação.

Resistência: processo fundante

Na AD, a noção de sujeito é um dos conceitos-chave. O sujeito da AD não é sinônimo de indivíduo, também não é o sujeito que tudo pode, abstrato, descolado de uma configuração sócio-

histórica; pelo contrário, é ideológico, pois o que é relevante não é a particularidade de cada sujeito como um indivíduo, mas sim a posição social que esse(s) indivíduo(s) ocupa(m). Por esse motivo, a noção de formação discursiva (FD), tomada de empréstimo dos trabalhos de Foucault, também nos é cara, já que, segundo Pêcheux (1988, p. 160), a FD é “aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que deve ser dito [...]”. É importante observar que, inicialmente Pêcheux enxergava a FD como homogênea, os sujeitos estavam delineados por uma FD em particular, o que era considerado como um sistema fechado; porém, com o passar do tempo, o autor revisita sua teoria, apontando a heterogeneidade como fundamental nas FDs. Assim, os sujeitos podem inscrever seus discursos em uma determinada FD e, ainda assim, serem atravessados por saberes advindos de outras FDs.

As FDs também são um ponto importante para o entendimento do que é a resistência pecheutiana, pois o sujeito era visto como assujeitado, sem possibilidade de romper com a ideologia dominante. Segundo De Nardi e Nascimento (2016, p. 82), isso muda:

A homogeneização provocada pela ilusão de um ritual sem falhas produziu reformulações no projeto teórico pecheutiano. A partir delas passam a ter um papel essencial as noções de contradição e de falha no ritual, as quais puseram o sujeito do discurso diante da possibilidade de transformação e de resistência. O sujeito do discurso, dessa forma, não é apenas assujeitado a reproduzir as relações de produção dominante na luta de classes, mas pode transformá-las e também resistir ao discurso dominante, movimentos que provocam deslizamentos e até rupturas com a formação discursiva na qual se insere.

Isso ocorre, pois, para Pêcheux (2015), a ideologia proletária se organiza para romper com a ideologia burguesa ao mesmo tempo que faz parte dessa mesma ideologia burguesa. Dessa forma, o autor aponta que “[...] o próprio da luta ideológica de classe é se desenvolver num mundo que, de fato, não termina nunca de se dividir em dois” (PÊCHEUX, 2015, p. 7). Isso ocorre também com o sujeito, que, para o autor, se desdobra em sujeito singular, o que se reconhece enquanto indivíduo em um lugar, e sujeito universal, o que afirma que as coisas são assim em toda parte. Pêcheux (2015) traz ainda os conceitos de identificação, contra-identificação e desidentificação, sendo a identificação quando o sujeito singular se identifica com o sujeito universal, ao qual ele chama de processo de coincidência, já a contra-identificação se dá pelo processo de não-coincidência, quando o sujeito singular questiona os saberes do sujeito universal da FD, de maneira a causar dúvidas e revolta. Há também o terceiro conceito, o de desidentificação, que é quando o sujeito singular realmente rompe com o sujeito universal, rompendo com a FD ao qual está inserido, porém, ao romper com tal FD o sujeito já se encontra vinculado a outra FD.

Pêcheux (1998) aponta que não há ritual sem falhas, sem contradições, e é nessa contradição de fazer parte de uma ideologia dominante, mas iniciar uma posição de identificação/contra-identificação/desidentificação que surge a resistência e o poder de transformar essa ideologia dominante: “O sujeito resiste a discursos outros ao ser interpelado em sujeito do discurso pela ideologia porque, para ser sujeito, é necessário ocupar uma posição no discurso e, portanto, resistir a outras” (DE NARDI; NASCIMENTO, 2016, p. 88).

Arelado ao discurso de resistência elencamos a noção de memória, assim, partimos do que diz Orlandi (2014) ao tratar da memória, abordando a questão do interdiscurso. O interdiscurso é uma das noções teóricas desenvolvidas por Pêcheux (1975) apud Orlandi (2014) – sendo aprofundada por Courtine (1982) apud Orlandi (2014) –, o interdiscurso seria aquilo que fala antes, uma voz referente a algo anterior, deste modo, tomando tais desenvolturas do conceito, temos o papel da memória na AD, a qual permite que algo seja retomado ou esquecido. É através da memória que os discursos podem e são retomados, (re)aparecendo nos discursos e trazendo sentidos cristalizados e (res)significados.

Orlandi (2014) ainda aborda a memória discursiva em relação ao Museu. Esta seria uma memória que não esquece, arquivada, institucional. No entanto, os museus são também práticas de significação (ORLANDI, 2014, p. 2), quando deixam de ser memórias metálicas, que são as descartáveis, para serem esquecidas pelos sujeitos e, dessa forma, constituintes, pois, assim, novos sentidos serão formados, não serão apenas o já-dito: “o Museu, como prática de significação, envolvendo o sujeito em sua materialidade, corpo e sentido, é a prática do esquecimento que se movimenta, na significação, pelo desejo” (ORLANDI, 2014, p. 7).

Dessa forma, pensamos que as noções de resistência e de memória são intrínsecas no processo analítico que propomos, uma vez que os discursos que veremos nas SDs selecionadas retomam/recuperam sentidos que outrora foram apagados e esquecidos, ressignificando-os em um discurso que evoca a educação como meio de resistência.

Educação e resistência: pontos de convergência

Escolhemos o projeto educacional proposto por Paulo Freire, pois, apesar de alguns pontos de divergência com a teoria do discurso, defendemos que o pensador nos apresenta uma Educação que pode fortalecer o conceito de resistência. Freire (1977, 1980) enxerga a Educação enquanto prática de liberdade. Na sua visão, a Educação está essencialmente imbricada com a conscientização dos sujeitos para que eles possam pensar por si próprios, andar com as próprias pernas. Para que haja ação e transformação é preciso reflexão. E essa reflexão que transforma, que vem do processo de conscientização, está intimamente relacionada com a conscientização histórica. “A sua integração o enraíza. Faz dele [o sujeito], [...], um ser ‘situado e datado’. Daí que a massificação implique no desenraizamento do homem. Na sua ‘destemporalização’. Na sua acomodação. No seu ajustamento” (FREIRE, 1977, p. 42). É necessário que os sujeitos conheçam a sua própria história, retornem às raízes, pois só assim vão poder refletir sobre si mesmos, a princípio, para refletirem sobre o contexto no qual estão inseridos e, após esse processo de reflexão e entendimento do mundo que fazem parte, modificarem a realidade. Freire (1987) defende uma proposta educacional na qual o oprimido poderá se libertar do opressor, justamente nesse processo de autorreflexão e enraizamento na própria história.

Sabemos que Freire trabalha com a noção de sujeito enquanto indivíduo, o que se distancia da teoria do discurso, já que a A.D. trabalha com o sujeito ideológico, ou seja, o sujeito que ocupa um lugar/posição social, porém, ao mesmo tempo que tal distância existe, há uma aproximação, já que o sujeito freiriano é necessariamente um sujeito-histórico; o homem-sujeito não é objeto justamente por estar situado, imerso em uma cultura, sociedade e, especialmente, um sujeito com história. Dito isso, defendemos que a atuação do professor e a educação que as escolas podem vir a oferecer, podem atuar como mecanismos de resistência quando há um posicionamento que pretende lutar contra a ideologia dominante, como ocorre com a proposta de Freire ao lutar para que os oprimidos se libertem da opressão.

Portanto, é por isso que o papel do professor, no projeto educacional de Freire (1987, p. 37), possui uma atenção especial. Para o autor, em uma educação onde há apenas a transferência de conhecimento:

[...] a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.

Em contraponto à educação bancária, Freire (1987) afirma que a educação autêntica não se faz de A *para* B, ou de A *sobre* B, mas de A *com* B, mediatizados pelo mundo. Nesse sentido, é que entendemos que se faz entre sujeitos que ocupam posições sociais, tendo o professor o papel de dialogar com os alunos, tornando-os sujeitos capazes de romper com a ideologia dominante

e transformarem a realidade. Nesse sentido que ensinar é criar os meios para que os alunos construam seus próprios caminhos. Tadielo, Soares e Martins (2018, p. 525) reiteram o proposto aqui:

Acreditamos na potência do professor de oportunizar momentos de resistência nas salas de aula [...] e também na força da mobilização os docentes em prol de óticas interdisciplinares, permeadas pelo diálogo, para provocação de soluções para problemas que suscitam o senso crítico dos alunos e, principalmente, na capacidade do sujeito de compreender o contexto social que o cerca e sua capacidade de transformá-lo.

Dessa forma, a atuação do professor, quando este se integra ao processo educacional junto ao aluno, fazendo-o refletir sobre a realidade, compreendendo seu lugar no mundo e buscando suas raízes, também pode funcionar como um mecanismo de resistência, sendo esse um dos pontos que pretendemos observar em Bacurau.

Procedimentos metodológicos

Referente aos processos metodológicos necessários para esta pesquisa, optamos pelo seguinte percurso: primeiramente, o filme Bacurau foi assistido algumas vezes, buscando compreender mais do discurso do filme. Após leituras acerca da educação e da teoria freiriana, bem como leituras sobre os conceitos da Análise do Discurso aqui elencados, pudemos decidir o recorte inicial do filme.

Sendo feito o download da obra, utilizamos a ferramenta PrtSc do computador para realizar a captura das cenas que constituem o corpus do trabalho. O recorte feito foi baseado em momentos que retomam a educação e as referências ao cangaço, buscando compreender em qual FD se inscreve esse discurso fílmico, sendo bem como ambas se afetam e são retratadas na película. Sendo assim, o corpus é constituído das seguintes cenas: 1) as cenas do professor Plínio e sua relação com os moradores; 2) as cenas da escola; e 3) as cenas em que há uma referência histórica, das quais foram escolhidas sete sequências discursivas para serem analisadas. Por fim, visto a demanda das análises, buscamos contextualizar o cangaço e o que esse representa para o discurso apresentado em Bacurau.

O cangaço, a seca: imagens do nordeste

Ao entendermos o filme como uma materialidade significante, olhar para as condições de produção do discurso, buscar a exterioridade, a historicidade, é um passo essencial. Não interessa, ao analista do discurso, buscar o que o filme quis dizer ou o que os autores pretendiam, mas sim, a partir da história e da posição dos sujeitos nesse percurso histórico, tentar compreender os efeitos de sentidos construídos no discurso fílmico.

Para isso, antes de adentrarmos no porquê do resgate histórico do período do cangaço, é preciso entendermos o enredo desse discurso fílmico. Bacurau é uma pequena cidade localizada no interior de Pernambuco e, à medida que o filme avança, vamos acompanhar a história a partir de alguns personagens centrais: Teresa, uma moradora de Bacurau que retorna à cidade; Domingas, médica e figura imponente, respeitada e temida pelos outros moradores; Acácio, conhecido pelo apelido de Pacote, figura respeitada por todos; Plínio, professor e mentor dos cidadãos; e Lunga, foragido da justiça, que acaba por se tornar um líder para a cidade. Assim, em um Brasil onde o Nordeste está separado do Brasil do Sul, temos um futuro distópico no qual há uma crise da água, que aparece como pano de fundo, mas explica porque Lunga está foragido, já que ele travou uma luta com quem fechou, com uma não clara, mas provável concordância do Estado, o canal de distribuição de água.

Logo nas cenas iniciais, acompanhamos Teresa retornando para a sua cidade de origem com

o intuito de participar do enterro de sua avó, Carmelita, pessoa importante na cidade; mas pouco tempo depois situações estranhas começam a acontecer em Bacurau, como o desaparecimento da cidade do mapa e a morte inexplicável de alguns moradores, que vai culminar em um conflito com norte-americanos que buscam matar pessoas por “diversão”. Em paralelo a isso, temos o interesse do prefeito Tony Júnior, que quer se reeleger, e, para isso, é preciso apagar a cidade do mapa, já que os moradores de Bacurau não apoiam o político; posteriormente descobrimos que ele é o responsável por ajudar os norte-americanos com a matança.

Com essas informações iniciais, temos três pontos importantes a serem debatidos e que vão nortear o(s) discurso(s): a seca, a separação Sul x Nordeste e um embrião do retrato de luta do povo nordestino, que, posteriormente, amadurece no filme e se torna um ponto-chave: o cangaço. Segundo Clemente (2015), o termo flagelo era comumente utilizado por jornalistas e cientistas, nas décadas de 1920 e 1930, para se referir tanto à seca, como ao cangaço. O autor acrescenta que:

Flagelo, nesse caso, significava também, conforme se acreditava na época, um fenômeno natural diante do qual o homem pouco ou nada poderia fazer, uma fatalidade. Juntando-se explicações extremas para as origens do problema, tínhamos, por um lado, o sertanejo sofrendo a fome, as doenças daí decorrentes e a morte, lenta ou imediata, acreditando que a solução viria dos céus; por outro lado, as autoridades eclesásticas atribuíam ao problema à falta de fé e ao castigo divino aos que viviam de blasfêmias; entre governantes, intelectuais e profissionais da imprensa criou-se um discurso segundo o qual os efeitos da seca resultariam de uma fatalidade geográfica (CLEMENTE, 2015, p. 109).

Bacurau, dessa forma, (res)significa esse discurso e nos apresenta uma sociedade em que a crise da água não é mais provocada por uma fatalidade geográfica – o que estaria além da possibilidade de o governo intervir –, mas sim causada pelos próprios governantes, quando há o fechamento do canal de distribuição de água, construindo novos sentidos ao resgatar o passado sob outro olhar. Isso é significativo à medida que o discurso do flagelo da seca vai ser um dos responsáveis pela imagem negativa construída em torno do Nordeste, sendo um dos motivos da rivalidade Sul x Nordeste, pois, segundo Clemente (2015), o Nordeste era visto pelo Sul/Sudeste como uma região-problema, uma mancha no país. Isso se deve principalmente ao olhar para a seca como um fenômeno natural diante do qual o homem pouco ou nada poderia fazer, desobrigando os governantes de agirem e colocando os nordestinos em uma posição de castigados. Destacamos ainda que essa rivalidade, a qual permeia o imaginário social, é um dos pontos principais do filme, uma vez que podemos perceber o político no discurso fílmico, além disso, vemos a resistência, a luta de classes, o discurso do oprimido, e a ressignificação dessa imagem inferior que é feita do Nordeste/nordestino.

No entanto, há outro fator histórico que contribui para aumentar essa visão negativa: o cangaço.

O cangaço passou a ser considerado o outro flagelo. A partir daí, criou-se um quadro interpretativo baseado na ideia segundo a qual a ação dos bandidos seria consequência dos períodos secos, ocasiões em que os bandidos se aproveitavam para pilhar as propriedades (CLEMENTE, 2015, p. 111).

O cangaço divide opiniões. Se, por um lado, existe um discurso que romantiza, trazendo os cangaceiros como heróis, por outro, há outro que os coloca como criminosos. Essa forma de enxergar o cangaço de maneira aparentemente transparente e maniqueísta esconde a opacidade e, conseqüente complexidade, desse acontecimento histórico. Dória (1982) ilustra bem essa

complexidade, ao fazer um retrato do contexto de surgimento do cangaço, no qual havia uma relação de solidariedade entre patrões e empregados, mas criando também uma relação de dependência, já que a miséria era constante. A isso o autor acrescenta que:

[...] a violência, portanto, está inscrita no cotidiano como a outra face da solidariedade e esta, por sua vez, se reforça na medida em que grupos extensos estão constantemente em luta, igualando proprietários e não proprietários em defesa do que consideram um patrimônio comum (DÓRIA, 1982, p. 22).

No entanto, Dória (1982) destaca que essa violência era regulada, já que ela só podia ocorrer entre iguais, entre trabalhadores ou na luta entre coronéis, nas quais os trabalhadores estavam sob jurisdição dos patrões: “A própria expressão ‘cangaço’ denota esta forma de existência que consiste em tornar disponível para o senhor. Segundo os folcloristas vem de ‘canga’, nome dado ao armamento do indivíduo que andava de bacamarte passado sobre os ombros [...]” (DÓRIA, 1982, p. 24). Surge dessa relação contraditória, violenta e solidária, o cangaço, em um contexto de um coronelismo decadente, pobreza e intensa seca, resultando no rompimento do monopólio da violência e subserviência para com os patrões.

Voltando ao ponto sobre a visão polarizada acerca do cangaço, isso se relaciona também com figuras famosas que se tornaram mitos: Lampião é o cangaceiro mais famoso e também o mais controverso, mas há outros cangaceiros de grande reconhecimento, como Antônio Silvino. Ambos foram cangaceiros de destaque, principalmente por desenvolverem um “estilo próprio” de cangaço. Porém, se Antônio Silvino é conhecido como um bandido honrado, porque dividia o que roubava com os pobres, Lampião, Virgulino Ferreira da Silva, era tido como cruel e frio. Além disso, entrou em um embate com as forças volantes, formadas por integrantes da polícia, que queriam a todo custo se livrar do cangaço. De acordo com Clemente (2015),

[...] a mística da invencibilidade elaborada em torno de Lampião não foi apenas resultado do seu carisma. Para soldados e sertanejos, teve grande eficácia o terror místico, a prática cotidiana no trato da violência, a arte de matar com o requinte da perversidade, a própria ritualização tanto quanto à banalização da violência aplicada indistintamente sobre todos os que fossem considerados inimigos (CLEMENTE, 2015, p. 335).

O autor ainda aponta que: “As forças volantes também praticaram essa forma de violência o que, de alguma forma, reforçou a aura mística e violenta de Lampião” (CLEMENTE, 2015, p. 335).

Assim, apesar do cangaço ser um acontecimento histórico controverso, que divide opiniões, colocando os cangaceiros em uma visão dicotômica, destacamos, a partir do que foi visto, que a contradição é característica fundante do Cangaço, em uma sociedade permeada pela violência e pela solidariedade, pela luta e pela revolta. Diante disso, entendemos o cangaço, com toda a sua heterogeneidade, como uma das formações discursivas no qual o filme se circunscreve, já que Bacurau retoma o cangaço, através de referências, como o uso do bacamarte e imagens do cangaço no museu de Bacurau, entre outros aspectos, e esse tema parece atuar como determinante e regulador do discurso fílmico.

Além disso, essa compreensão do que foi o cangaço também nos auxilia no entendimento do papel da Educação em Bacurau, a partir das ideias de Freire, já que, para o pensador, a história é um ponto essencial para que a educação se torne um mecanismo de resistência. Desse modo, buscamos compreender o papel da educação e do cangaço no discurso fílmico de Bacurau.

Bacurau: uma leitura possível

Para a análise do filme, optamos por selecionar as seguintes cenas: 1) as cenas do professor Plínio e sua relação com os moradores; 2) as cenas da escola; e 3) as cenas em que há uma referência histórica. Dessas cenas, analisamos, no total, sete sequências discursivas (SDs). A justificativa para essas escolhas se dá pela relação direta com a Educação e com a figura do professor nesse universo, no caso das escolhas 1 e 2, e do papel da historicidade tanto para a proposta educacional de Freire, como para a própria AD, no caso da escolha 3.

SD1:

Figura 1. O professor Plínio discursando no enterro de Dona Carmelita



Fonte: Bacurau (2019).

Logo após Domingas, amiga de Carmelita, dar um escândalo, Plínio decide fazer um discurso em homenagem a Dona Carmelita. Eis aqui o discurso na íntegra:

Eu queria aproveitar a participação de Domingas, que tá visivelmente emocionada, não é? Pra falar um pouco de minha mãe. Carmelita. Carmelita teve filho, teve neto, neta, bisneto, afilhado, teve muito amigo. Na família tem de pedreiro à cientista, tem professor, tem médico, tem arquiteto, michê e puta, mas ladrão ela não gerou nenhum. Tem gente em São Paulo, Europa, Estados Unidos, tem gente na Bahia, Minas Gerais, e muita gente não pôde vir aqui hoje prestar homenagem a ela, por causa do problema da nossa região. Mas eles mandaram muita ajuda, muita ajuda pra Bacurau. E isso é prova de que Carmelita e Bacurau estão em todos eles (BACURAU, 2019, 13min35s).

Nesse discurso, já é possível observar a importância de Plínio para a cidade, por um lado, e, por outro, o resgate às raízes. Dona Carmelita representa as gerações passadas, mas também as futuras, Carmelita e Bacurau estão em todos eles. E apesar dos moradores (e filhos e netos desses moradores) de Bacurau estarem espalhados por várias partes do mundo, ainda assim a essência da cidade está neles. Além disso, essa cena nos permite observar a postura do professor Plínio. Ele

fala de uma posição mais alta, mas está rodeado de pessoas, não há uma separação do professor/ outros moradores; além disso, ele olha para trás e para todos os lados, procurando falar com todos que estão ali. Por essa cena, é possível observar que, apesar do professor Plínio ser uma figura importante para a cidade, há uma relação mútua de respeito.

Percebemos também que tal discurso já mostra uma quebra para com a ideia que se tem do Nordeste, Carmelita gerou inúmeros descendentes, e, ao contrário do que se pode imaginar, eles não ficaram presos na pequena cidade, pelo contrário, ganharam o mundo e espalharam suas raízes. Por mais que a vida na pequena cidade seja simples, nenhum membro da família virou ladrão, o que reforça o discurso do professor: a memória de Bacurau permanece viva e mostra que a educação e o senso de comunidade fizeram com que as pessoas pudessem crescer sem a necessidade de recorrer à criminalidade.

Logo após o enterro de Dona Carmelita, temos um momento em que a câmera passa apresentando os principais pontos da cidade, como a igreja, a escola, o museu, o ônibus-horta. Dessa cena, destacamos:

SD2:

Figura 2. Apresentando a cidade: a escola de Bacurau



Fonte: Bacurau (2019).

SD3:

Figura 3. Apresentando a cidade: o ônibus-horta



Fonte: Bacurau (2019).

É interessante observar, nas SDs 2 e 3, a construção de um discurso que reforça a importância da educação. Primeiramente, podemos ver que o nome da escola é Escola Municipal Prof. João Carpinteiro. Em uma entrevista ao *Papo de cinema*, Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles apontam as referências cinematográficas para a construção de Bacurau. Uma delas é John Carpenter, diretor estadunidense famoso por realizar filmes de terror e ficção científica (MILANI, 2019).

Através do viés da memória (ORLANDI, 2014), podemos retomar um dos sentidos dessa imagem, dessa forma, vem à tona a homenagem para o diretor americano, que carrega a afirmação de que John Carpenter foi um professor, uma escola para os diretores dessa obra. Mas a escolha para esse nome carrega sentidos outros, como o “abrasileiramento” do nome original, além da escolha por carpinteiro, que se aproxima do nome Carpenter, mas também é uma profissão que remete à simplicidade, ao comum, mas também à construção, o que novamente retoma a simplicidade da cidade de Bacurau. O carpinteiro é, antes de tudo, um construtor, assim como o professor (observem que a escolha do nome não foi Escola João Carpinteiro, mas sim professor João Carpinteiro). Ao discurso comumente compartilhado de que as pessoas do interior são simples, humildes, acrescentou-se uma nova faceta: a da construção.

Ainda nas cenas de apresentação da cidade, vemos um ônibus escolar aparentemente abandonado, mas quando o interior do ônibus é mostrado, observamos que ele se tornou uma horta para a comunidade. Muitos são os sentidos que essa imagem carrega. É significativo que um ônibus escolar, teoricamente sem serventia, nos mostre o reaproveitamento de maneira tão expressiva: uma pequena plantação. Plantas precisam de raízes fortes para crescer, para florescer, precisam de cuidados, de água. Simbolicamente a educação acaba por ser o alimento necessário para que os moradores de Bacurau cresçam fortes e saudáveis. Podemos perceber que existe uma metáfora na cena: a educação precisa ser cultivada, assim como as plantas. Tal construção mostra que, mesmo diante de adversidades, como a falta de água, a educação é o meio de prosperidade, é por onde podemos crescer e florescer, assim como as plantas que nutrem o corpo dos moradores de Bacurau, a educação nutre suas mentes e seu caráter. E, como veremos adiante, isso estará intimamente ligado à história, às raízes.

Após a apresentação da cidade, vemos a chegada do político Tony Júnior, que quer ser reeleito. Para isso, passa em Bacurau para falar com os moradores, já que precisa dos votos deles também para ganhar a eleição. No entanto, os moradores se escondem e deixam ele falando sozinho. Tony Júnior, ainda assim, afirma que vai deixar alimentos, livros e remédios para toda a população. É interessante observar a cena em particular, que é como o prefeito traz os livros para a população: em uma caminhonete suja, descarregando-os no chão, sem o menor cuidado, como podemos ver na SD4 a seguir:

SD4:

Figura 4. Livros sendo descarregados pelo prefeito Tony Júnior



Fonte: Bacurau (2019).

Após isso, durante a noite, o professor Plínio e Domingas reúnem os moradores para falar sobre o que foi deixado pelo prefeito. Plínio começa:

Olha, gente, esses mantimentos aqui já passaram pela triagem, viu? E alguns tavam até com o prazo de validade vencido. Alguns com até 6 meses além do prazo. Nós não jogamos esses mantimentos fora, quem quiser arriscar, eu recomendo cuidado, tá? Ah, Tony Junior também doou 1000 livros pra comunidade [risos da população]. A gente como sempre vai usar os que tiverem proveito, tá? Depois a gente escolhe isso junto (BACURAU, 2019, 35min 9s).

O discurso do prefeito mostra uma quebra para com o discurso dos moradores de Bacurau, ao contrário do que é mostrado como o importante para os moradores, o discurso de Tony Júnior usa da educação como um bem comercial, como um meio para ganhar votos e se eleger, sendo tratado como um bem descartável, o que é mostrado pela maneira como são entregues os livros e outros mantimentos.

O descaso do governo com a educação, apresentada na postura do prefeito, é o contrário da postura do professor Plínio. Um dos pontos que percebemos é que, pelo viés, da memória são retomados os ataques do governo à educação, visto que a educação tem sido alvo de críticas. Através dessa representação, vemos que o funcionamento da memória discursiva faz emergir sentidos outros, uma vez que ela permite a lembrança e o esquecimento, assim, podemos perceber que existe uma retomada dos recentes ataques ao sistema educacional, uma vez que – as condições de produção do discurso do filme – o qual foi projetado em um período de quase 10 anos – englobam o político e retomam eventos conturbados em nossa história (o golpe, o impeachment, as problemáticas da nova eleição), fazendo com que a representação do prefeito mostre uma faceta do governo, trazendo tal crítica para o filme e reforçando a importância da educação.

Também é significativo o ato do professor Plínio de se preocupar em selecionar os livros e demonstrar que quer fazer isso junto com a população de Bacurau. Como dito anteriormente, Freire (1987) aponta que a educação se faz de A (professor) com B (aluno). Nesse sentido, o professor Plínio está sempre preocupado não em transmitir informações apenas, mas realmente educar, causar a reflexão. Ele não toma a decisão pelos moradores (nós não jogamos esses mantimentos fora), ele os orienta e deixa que decidem, convidando-os sempre para esse processo de construção de saberes mútuo. Isso ocorre com a relação dele com Domingas também, já que, na hora de falar sobre os medicamentos, chama Domingas, a médica da cidade e por isso mais qualificada do que ele, para falar sobre o assunto.

Mas eu quero chamar atenção de vocês para essa caixa de prazol-4 que Tony Junior [mais risos da população] deixou aqui na cidade. Remédio tarja preta com distribuição gratuita, sem prescrição médica. Como algum de vocês já sabem, o [nome de remédio] é um inibidor do humor e comportamento, só que disfarçado de um analgésico forte. É um remédio consumido no Brasil inteiro por milhões de pessoas e não me perguntem porque, em forma de supositório, que é o mais vendido. Faz mal, vicia e deixa a pessoa lesa [joga no lixo]. A caixa tá aqui, quem quiser pegue. Mas o recado tá dado (BACURAU, 2019, 36min5s).

Como podemos observar no discurso proferido por Domingas, ela age com uma postura semelhante à do professor Plínio. Aponta a informação e deixa que os moradores tomem sua decisão. Esse é um ponto que parece irrelevante, mas se mostra como uma crítica ferrenha ao governo, pois é um remédio consumido no Brasil por milhões de pessoas, remédio esse que funciona como um inibidor de humor. Esse discurso remete a um famoso livro de ficção científica, *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley, no qual há também uma sociedade distópica em que as pessoas vivem a base de soma, um remédio capaz de inibir os humores e fazer com que as pessoas não se sintam infelizes para, assim, não serem capazes de criticar a sociedade em

que vivem, já que não estão insatisfeitas. Essas palavras de Domingas escondem uma crítica a um governo falho e a uma sociedade inerte.

Isso se mostra crucial para a história, uma vez que é revelado que Tony Júnior é o mandante do ataque a Bacurau e as drogas e comida vencida serviram com o intuito de deixar os moradores debilitados para que não tivessem forças para lutar contra os norte-americanos. Assim, a educação, que se mostrava como algo aparentemente de pano de fundo, mostra a sua força, visto que os moradores não tomam os remédios, nem comem a comida vencida; ao contrário do esperado, eles se unem e resistem.

SD5:

Figura 5. Norte-americano entrando no museu de Bacurau





Fonte: Bacurau (2019).

No início da SD5, temos um dos norte-americanos entrando no museu da cidade de bacurau,

à procura de moradores para matá-los. É nesse ponto que é apresentado ao americano a história de Bacurau. Essencialmente o que vemos no museu é o cangaço. O cangaço é a conscientização histórica (FREIRE, 1977, 1980) que os moradores de Bacurau possuem e que os tornam capazes de mudar a realidade, inclusive, porque, no discurso fílmico, aliados dos norte-americanos, os sudestinos têm a possibilidade de visitar o museu, mas subestimam os moradores, achando que não há nada de significativo ali.

É nesse ponto que o conceito de memória discursiva também se mostra de grande valia, pois, ao retomarmos Orlandi (2014), percebemos o papel do Museu enquanto prática de significação em Bacurau, não apenas como memória arquivada. A instituição, motivo de orgulho para o povo de bacurau, pode ser percebida de diferentes perspectivas: para quem é de fora de Bacurau, como é o caso dos sudestinos, é uma memória, algo que causa o apagamento; para os moradores de bacurau, funciona como uma lembrança, a retomada de algo enraizado na sua cultura.

Assim, é possível observar um discurso que reescreve a história, pois o cangaço, que foi considerado o flagelo, o motivo de vergonha do Sudeste/Sul em relação ao Nordeste, torna-se o ponto de derrota dos norte-americanos. Ainda sobre os sudestinos, eles são colocados em uma posição de oprimidos em relação aos norte-americanos, mas de opressores em relação aos nordestinos, e se tornam o retrato do oprimido que quer se tornar opressor (FREIRE, 1987), retomando o que diz Pêcheux (2013) sobre a luta de classes, uma vez que mesmo na ideologia dominante, temos um dominado.

Dessa forma, podemos afirmar que o discurso do filme não promove uma glamorização do cangaço, nem uma visão negativa. Percebemos que tal discurso se inscreve em uma formação discursiva que retoma o cangaço ao mesmo tempo que o atualiza, tratando o ser nordestino como parte da resistência, como a memória e as raízes do povo de Bacurau. O cangaço surge, em Bacurau, novamente em um contexto de crise de água, mas esse discurso constrói novos sentidos, pois o problema da água, nesse contexto, é um problema político. Se a violência do cangaço na história surge em oposição a uma seca que está acima de poderes humanos, causando danos não só para os grandes coronéis, mas também para as populações pobres, que também eram saqueadas; em Bacurau, há a responsabilização do governo em relação a essa “seca”, assim o cangaço retorna como algo que constitui os moradores de Bacurau historicamente enquanto sujeitos. As imagens do cangaço no museu de Bacurau carregam o discurso de que a história do Nordeste é uma história de luta. Faz parte do ser nordestino.

SD6:

Figura 6. Teresa e Pacote com armas em punho



Fonte: Bacurau (2019).

Já na SD6, não há a presença do verbal, os sentidos são construídos através da movimentação da câmera, das expressões dos atores, dos sons da cena, uma vez que as materialidades significantes – tudo aquilo que constrói o sentido do discurso – não se constituem somente através do verbal. Primeiro, vemos Teresa, Pacote, o professor Plínio e alguns moradores com armas em punho em um espaço ainda não identificado, com uma expressão carregada de medo e determinação. É interessante observar que, pouco tempo depois, esse espaço é revelado: primeiro vemos no escuro da janela os moradores apontando as armas para os norte-americanos que estão fora e, logo após, a câmera fecha no nome da escola. É da escola que se faz a resistência, assim, Bacurau aponta para a importância da Educação na construção dos moradores aparentemente pacatos, de uma cidade interiorana, mas que são capazes de compreender sua história, o lugar de onde vêm e, assim, transformar o mundo a sua volta.

SD7:

Figura 7. Paredes de sangue



Fonte: Bacurau (2019).

Após o embate final, vemos o museu cheio de sangue nas paredes e no chão, e a moradora responsável pelo museu histórico de Bacurau afirma: “A gente vai lavar tudo, limpar bem o chão. Mas nas paredes ninguém toca”. A imagem que é aqui construída retoma todo o discurso do filme, a história de Bacurau se faz viva, o acontecido se mostra presente e se cristaliza na memória – e nas paredes do museu –, fazendo do cangaço, que por tanto tempo foi tido como desprezível, o motivo da vitória dos moradores, através de suas raízes e suas conquistas, da nutrição do ensino e do importante papel da escola. Vemos o Nordeste e o interior sendo (res)significados; de uma imagem de pobre coitado, indefeso, o povo nordestino passa a ser lutador e unido. É um povo sobrevivente, que (r)existe e deixa a sua mensagem: “Bacurau: se for, vá na paz”.

Considerações Finais

Pela trajetória teórica aqui percorrida, buscamos compreender quais os sentidos apresentados nos discursos relacionados à educação em Bacurau e se – e como – as sequências discursivas relacionadas ao papel educacional se constituíam enquanto um discurso de resistência. Desse modo, partimos da historicidade, das condições de produção, para compreendermos os efeitos de sentido que esse discurso fílmico nos mostra, considerando o filme Bacurau através de suas materialidades significantes (LAGAZZI, 2017).

Além disso, o conceito de formação discursiva tornou-se fundamental, já que, a partir dele, é que compreendemos o processo de identificação, contra-identificação e desidentificação e, conseqüentemente, a noção de resistência (PÊCHEUX, 1998, 2015). Assim, se em seus trabalhos iniciais, o autor francês não via a possibilidade de rompimento com a ideologia dominante, isso, posteriormente, muda quando ele compreende que é justamente na contradição que se faz surgir a resistência. Não há discurso sem ideologia. Dessa forma, foi possível compreender que Bacurau se circunscreve em uma FD que retoma o cangaço, mas resignificando-o, percebendo-o em toda

a sua complexidade e como algo constituinte do ser nordestino, se caracterizando, dessa forma, como um discurso de resistência.

Bacurau constantemente busca a historicidade para compor as relações de sentido em torno dos personagens de Bacurau. Isso ocorre de forma explícita nas imagens do cangaço, que são apresentadas ao espectador, quando o norte-americano visita o museu. Se aos olhos do norte-americano aquele Museu funciona como uma memória de arquivo, para os moradores de Bacurau, esse museu já é uma prática de significação (ORLANDI, 2014). O cangaço se faz como parte da memória discursiva do povo de Bacurau, tendo assim, seu sentido cristalizado como parte da cultura, como meio de resistência na luta de classes. Assim como as marcas de sangue deixadas na parede se constituirão como parte dessa história também.

Isso nos leva a pensar: por que elementos históricos se fazem tão presentes na construção do discurso? Tudo que já foi dito, é retomado. A história se repete. Assim, esses discursos são retomados e ressignificados; por isso, que a história se faz tão presente no discurso de Bacurau. Em um cenário de opressão, elementos da história do Nordeste se constituem enquanto símbolo de resistência no sentido pecheutiano, já que carregam um discurso de uma sociedade ideal na qual há uma conscientização histórica, como a proposta por Freire (1977, 1980), através da atuação do professor Plínio, figura essa que, por si só, carrega o discurso freiriano da busca pelas raízes de maneira imponente, sendo realmente um mentor para essa cidade, não apenas alguém que vai transferir conhecimento. Algo que é reforçado também pelo ônibus-horta, trazendo metaforicamente a importância de alimentar a educação, e uma educação que realmente seja capaz de libertar, de resistir. Para os espectadores, esse discurso, de nordestinos para nordestinos, carrega sentidos que são retomados da própria história e se constituem enquanto um lembrete da necessidade de “ousar se revoltar e ousar pensar por si mesmo” (PÊCHEUX, 2013, p. 22).

Referências

ABIB, P. R. J. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo de saberes na roda**. 2004. 170p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais aplicadas à Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ALOL, R. Retrospectiva 2019: as 20 maiores bilheterias do cinema nacional. **Adoro cinema**, 2019. Disponível em: <https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>. Acesso em: 20.jan.2020.

BACURAU. Direção de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2019. 132min.

CLEMENTE, M. E. de. A mítica de lampião. In: _____. **O cangaço: poder e cultura no tempo de Lampião**. Recife: Editora Massangana, 2015, p. 265-336.

_____. de. Imagens de um rei sem coroa: contingente e protagonismo na trajetória de Lampião. In: _____. **O cangaço: poder e cultura no tempo de Lampião**. Recife: Editora Massangana, 2015, p.107-180.

DÓRIA, C. A. **O cangaço**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 7ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LAGAZZI, S. Trajetos do sujeito na composição fílmica. In: FLORES, G. G. B; et al (org.). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. v.3. Campinas: SP, Pontes, 2017.

_____. Linha de Passe: a materialidade significativa em análise. In: **Revista Rua**, Campinas, v. 2, n. 16, p. 1-12, fev. 2010.

ORLANDI, E. P. Discursos e museus: da memória e do esquecimento. **Entremeios: revista de estudos do discurso**, v.9, p.1-8, jul/2014. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/index.php?issue=9>. Acesso em: 07.jul.2020.

MILANI, R. Bacurau: entrevista exclusiva com Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. **Papo de cinema**, 2019. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/entrevistas/bacurau-entrevista-exclusiva-com-kleber-mendonca-filho-e-juliano-dornelles/>. Acesso em: 08.jan.2020.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997[1969].

_____. Ousar pensar e ousar se revoltar: ideologia, marxismo, luta de classes. **Décalages**, v.1, n.4, p. 1-22, 2013.

_____. Só há causa daquilo que falha ou inverno político francês: início de uma retificação. In: _____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

TADIELO, F. N. M.; SOARES, J. M.; MARTINS, T. da S. Resistência no espaço escolar: uma via possível. In: ABRAHÃO E SOUSA, L. M. **Resistência, a que será que se destina?** São Carlos: Pedro e João Editores, 2018, p.525-541.

Recebido em 29 de setembro de 2020.

Aceito em 09 de março de 2021.